

## O olhar de um viajante no século XIX: Langsdorff em Nossa Senhora do Desterro

*A traveler's view in the nineteenth century: Langsdorff in Nossa Senhora do Desterro*

Leonardo Antonio Solana Cassol

leocassol97@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** Os relatos de viagem constituem uma importante fonte para o estudo da História de Santa Catarina. Esses documentos possuem a especificidade de ser fruto direto da subjetividade de um determinado sujeito. Muitas vezes considerada como um entrave, essa característica pode oferecer a possibilidade do estudo de relações que transcendem, mas estão sempre em direto contato com os viajantes. Assim, o presente artigo tem como proposta analisar o olhar de Georg Heinrich von Langsdorff sobre a paisagem e os habitantes de Nossa Senhora do Desterro entre 1803 e 1804 para demonstrar as múltiplas questões a serem postas pelos historiadores a essas fontes.

**Palavras chave:** relatos de viagem; Nossa Senhora do Desterro; século XIX; Georg Heinrich von Langsdorff.

**Abstract:** Travel journals constitute an important source for the study of the History of Santa Catarina. This documents have the specificity of being born directly from the subjectivity of an specific person. Many times viewed as an obstacle, this feature offers the possibility of the study of relations that transcends, although are always directly related to the travelers. So, the present article has the purpose of analyzing the views of Georg Heinrich von Langsdorff about the scenery and the inhabitants of Nossa Senhora do Desterro between 1803 and 1804 to demonstrate the multiple questions to be posed by historians to these sources.

**Keywords:** travel journals; Nossa Senhora do Desterro; nineteenth century; Georg Heinrich von Langsdorff.

### Introdução

Diversos viajantes das mais variadas origens, tanto pela nacionalidade quanto por seus ofícios, transitaram pela Ilha de Santa Catarina nos séculos XVIII e XIX. Esses indivíduos mantinham diários de suas viagens onde descreviam os locais visitados, a fauna e flora, as cidades, os portos e a população da região. Um desses viajantes foi o naturalista alemão Georg Heinrich von Langsdorff (18 de abril de 1774 – 29 de julho de 1852) que esteve presente na primeira expedição estrangeira do século XIX que aportou em Nossa Senhora do Desterro, em 23 de dezembro de 1803. Langsdorff nasceu em Wollstein, estudou medicina na Universidade de Göttingen tendo exercido esse ofício em Portugal onde também se dedicou a história natural. A expedição que o traz para a Ilha de Santa Catarina é parte da primeira circum-navegação empreendida pelo governo russo, sendo que o trabalho de Langsdorff como naturalista nessa



viagem leva a sua nomeação para a função de Cônsul Geral da Rússia no Rio de Janeiro em 1813<sup>1</sup>.

Os relatos de Langsdorff são aqui analisados para exemplificar como a literatura de viagem, além de descreverem aspectos de determinado período em uma região específica, tem como principal característica a maneira como são moldados e entendidos por um sujeito específico cuja subjetividade<sup>2</sup> impacta na percepção do mundo real. Dessa forma os relatos de viagem passam a ser uma forma de documentação cuja crítica deve ser feita tendo em vista os preconceitos carregados pelo viajante.

Langsdorff permaneceu em Nossa Senhora do Desterro até 4 de fevereiro de 1804 quando a expedição, que fazia parte, deixou o Brasil. Durante esse período Langsdorff descreveu a fauna e flora da região, as condições climáticas, atividades econômicas (especialmente a pesca da baleia), práticas médicas, alimentação, a população que habitava o local, danças e festividades em geral. Apesar da riqueza de detalhes trazidos pelo naturalista reafirmo que a importância dessa fonte não se limita apenas às observações tomadas como retrato de uma realidade. Os relatos de Langsdorff, assim como a literatura de viagem de estrangeiros que estiveram no Brasil, especialmente nos séculos XVIII e XIX, tem como especificidade questões relacionadas à subjetividade do viajante. Isso se deve ao fato que esses indivíduos têm seu olhar condicionado por elementos que constituíram sua visão de mundo, algo que pode ser percebido por juízos de valor emitidos nos relatos, assim como determinadas caracterizações sobre os habitantes de Nossa Senhora do Desterro.

Um dos principais elementos que marca os interesses de Langsdorff no Brasil, e consequentemente seus relatos, é sua formação como naturalista. Os naturalistas, segundo a descrição de Sarnaglia (2012), são, em grande maioria, cientistas e estudiosos europeus que a partir do século XVIII viajam para o Novo Mundo com um objetivo claro. O intuito desses sujeitos é realizar descrições do local, especialmente sobre a natureza da região, que passa a ser analisada conforme métodos científicos em desenvolvimento que determinam as formas de classificação e descrição das espécies<sup>3</sup>. As populações locais também são descritas, porém

---

1 HARO, Martim Afonso Palma de. **Ilha de Santa Catarina**: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis: Editora da UFSC, Editora Lunardelli, 1996. p.160.

2 Aqui entende-se subjetividade como fenômenos da consciência conforme: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fonte, 2007, p. 922. Ressalta-se porém que a entende-se aqui que esses fenômenos são moldados pela realidade assim como determinam a percepção a respeito dela.

3 SARNAGLIA, Marcela. O Brasil sob o olhar estrangeiro: um estudo da obra dois anos no Brasil de Auguste François Biard. In: RANGEL, Marcelo de Mello; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAUJO, Valdeci Lopes de (orgs). **Caderno de resumos & Anais do 6º**. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – O giro-linguístico e a historiografia: balanço e perspectivas. Ouro Preto: EdUFOP, 2012. p. 1-2.

quando se fala sobre esse tema percebe-se mais claramente as opiniões particulares desse naturalista, visto que tais descrições não são parte de métodos previamente estabelecidos.

No início do século XIX o perfil do viajante se amplia:

Com o desembarque de Dom João VI e a posterior abertura dos portos, o Brasil saiu, então, de seu estado de isolamento perante a Europa não-ibérica. O território brasileiro passou a receber um número significativo de estrangeiros. O próprio príncipe regente incentivava a vinda de expedições científicas, artísticas e comerciais para as terras brasileiras, no intuito de estudar e divulgar dados científicos sobre a nova sede do império. Buscou-se assim, incentivar o estudo da fauna e da flora. A partir de então, teve início um novo ciclo de viagens e expedições que tinham como destino o Brasil. Estrangeiros e nacionais passaram a ter permissão de explorar, conhecer e divulgar o território brasileiro<sup>4</sup>.

Os chamados “relatos de viagem” constituem uma fonte histórica repleta de especificidades, pois tratam da visão de sujeitos cuja subjetividade era marcada por diversos fatores que fazem parte do olhar dos viajantes estrangeiros através das suas experiências de vida na Europa. Dessa forma pode-se falar em filtros no “olhar” de viajantes que foram, por muito tempo, ignorados, logo esse tipo de fonte servia meramente para obtenção de dados, sejam eles geográficos, a respeito de fauna e flora, etc. O perigo em tomar essas fontes de maneira ingênua é algo alertado por Franco (2011)<sup>5</sup>, pois faz com que os preconceitos presentes nos relatos de viagem sejam meramente reproduzidos no trabalho historiográfico.

Percebe-se a importância de entender essa documentação como algo marcado pela especificidade de um sujeito que se insere em uma determinada conjuntura, sendo portador de uma cultura específica de sua própria sociedade assim como do local que ele ocupa nas hierarquias sociais. Assim, o presente trabalho busca realizar uma análise discursiva dessa fonte, levando em conta conceitos já estabelecidos na historiografia que trata da literatura de viagem especialmente aqueles que giram em torno da categorização do viajante naturalista ao longo do tempo. O principal elemento é a divisão entre relatos do século XVIII e XIX conforme sua natureza dita iluminista ou romântica respectivamente<sup>6</sup>. O relato de Langsdorff estaria marcado pela admiração por paisagens descritas como pitorescas e exóticas, classificadas como

---

4 Ibidem, p.2.

5 FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, v. 2, p.62-86, 2011.

6 BONATO, Tiago. **O olhar, a descrição: a construção do sertão do nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1783-1822)**. Diss. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. p.5-6.



parte do ideal romântico. A partir disso são abordadas questões referentes a sua ocupação como um naturalista europeu neste período, sendo esse o principal ponto analisado neste trabalho.

### **Nossa Senhora do Desterro para o estrangeiro**

No dia 18 de dezembro (1803) pudemos ver a Ilha de Santa Catarina e, a uma distância de 60 a 80 milhas marítimas, recebíamos as boas vindas de variadas borboletas que, aparentemente, chegaram até ao navio, arrastadas para o mar por algum vento. (...) Estávamos esperando que pudéssemos fundear naquela noite ou no mais tardar pela madrugada e gozar as delícias do Brasil, quando uma violenta tempestade de ventos e chuvas nos obrigou a afastar da terra e, com a quantidade de ilhas ali em volta e sob forte vento do sul e altas ondas, procuramos segurança em mar aberto. Este vento frio permaneceu por mais tempo do que esperávamos e, somente no dia 20 pudemos tentar nova aproximação da costa, para fundear<sup>7</sup>.

Assim começa a viagem de Langsdorff à Ilha de Santa Catarina. No início do século XIX a sociedade em Desterro estava em processo de mudança. O século XVIII foi marcado pela vinda de açorianos e pelo desenvolvimento econômico voltado para produção da farinha de mandioca<sup>8</sup> e o estabelecimento de armações baleeiras. A presença de escravos era reduzida se comparada com o período posterior a abertura dos portos em 1808, que leva ao crescimento da importação de africanos novos<sup>9</sup>. Assim, a sociedade encontrada por Langsdorff tinha ainda uma elite vinculada à funções militares e determinados setores do serviço público de caráter civil. As atividades produtivas eram complementadas por escravos, havendo situações de brancos e negros desempenhando as mesmas funções, de forma que outros relatos destacavam a simplicidade das condições materiais dos habitantes da ilha<sup>10</sup>.

Durante sua estadia empreende um intenso trabalho, descrevendo cada detalhe da região e da população da Nossa Senhora do Desterro. Em suas descrições percebe-se que ele não deixa de avaliar a população local, muitas vezes fazendo comparações com a Europa. Por exemplo:

Os moradores de toda a província são atenciosos, cordiais e expansivos, reina muita hospitalidade e vida social. À noite, reúnem-se em grupos de pequenas

7 LANGSDORFF, G. H. Von. Bemerkungen auf einer reise um die Weli in den Jahren 1803 bis 1807. Frankfurt am Main. 1822, in verlag bei Friedrich Wilmans. Trad. de Dolores R. Simões de Almeida. In: HARO, Martim Afonso Palma de. **Ilha de Santa Catarina: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX.** Florianópolis: Editora da UFSC, Editora Lunardelli, 1996. p.161.

8 PEDRO, Joana Maria. Imagens femininas na formação da elite de Desterro. In **Mulheres faladas, mulheres honestas: uma questão de classe.** Florianópolis: UFSC, 1994, p. 19

9 MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica. (1750-1850) In: FRAGOSO, João et. Al. **Nas rotas do Império.** Vitória: EDUFES, 2006, p. 622.

10 PEDRO, op.cit., p.20



famílias onde, segundo o costume bem português, dançam, riem, fazem gracejos cantam, e brincam. (...) As representantes do sexo feminino não são feias e entre as mulheres de classe mais alta estão algumas que, mesmo na Europa, teriam motivos para se firmarem como beldades<sup>11</sup>.

Percebe-se que Langsdorff não poupa adjetivos para descrever a população local, especialmente “as representantes do sexo feminino”, sendo mais específico aquelas elogiadas pela semelhança com o padrão europeu em que o viajante está inserido. Porém também apresenta com estranhamento a sociabilidade das mulheres: “(...) o belo sexo recebe com muita gentileza os hóspedes e, em geral, não vive retraído ou confinado como na própria terra natal, Portugal, onde as damas vivem, durante o ano todo, enclausuradas”<sup>12</sup>. Essa peculiaridade é também perceptível nos relatos de outros viajantes, sendo que Pedro (1994) trata sobre esse tema:

Estas imagens de mulheres, mais sociáveis do que as dos demais lugares do país, são recorrentes nos relatos dos viajantes e devem estar vinculadas à composição racial da Ilha, aos preconceitos raciais dos ditos viajantes à cultura específica da população que aí se instalou, bem como, possivelmente, a uma formação social que proporcionava um modo de vida diferente daqueles resultantes de uma economia escravista de exportação, com um processo de concentração vigoroso de propriedade e de rendas<sup>13</sup>.

Aqui busca-se entender como tais imagens são enfatizadas por estarem intimamente relacionadas com o olhar do viajante. Tal olhar perpassa toda a descrição feita por Langsdorff, tanto no que se refere a população quanto os relatos sobre a natureza, que como naturalista o viajante estava interessado em analisar. Portanto, deve-se destacar a maneira como a subjetividade, de Langsdorff, assim como de qualquer viajante, está presente no relato. Conforme Bonato (2010): “As imagens construídas ao longo dos relatos são importantes para entender o olhar destinado à paisagem pelos viajantes, uma vez que são fruto da concepção deles a respeito da região”<sup>14</sup>.

Dessa forma é importante ter em mente determinados pontos para trabalhar com os relatos de viagem: conferir o “lugar de enunciação” e o universo cultural do viajante; avaliar o período em que se escreveu o texto (durante ou após a jornada); a forma como foi elaborado o

---

11 LANGSDORFF op.cit, p.163.

12 Idem

13 PEDRO, Joana Maria, op.cit p. 21.

14 BONATO, op.cit., p.151.

relato (narrativa, memória, cartas, diário etc.); e quando se publicou o texto, se for o caso”<sup>15</sup>. Levar esses aspectos em conta ao trabalhar com essa forma de documentação é de suma importância, especialmente devido à grande circulação da literatura de viagem tanto entre o público leitor da época quanto pela historiografia nos séculos posteriores.

Consequentemente a circulação da literatura de viagem, diversas imagens a respeito da Ilha de Santa Catarina, assim como ocorria em todo o Brasil, eram construídas e disseminadas pelos viajantes na Euro<sup>16</sup> e sobrevivem na historiografia brasileira, notadamente nos primórdios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), e em autores considerados clássicos como Capistrano de Abreu e Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre<sup>17</sup>. Um exemplo desse tipo de postura perante a literatura de viagem é a forma como foram tomados por muito tempo os relatos de Johann Baptiste von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius, ambos naturalistas alemães que foram colegas de expedição no Brasil entre os anos de 1817 e 1820. O grande problema sobre a maneira como a historiografia em questão abordou esses autores foi a falta de

(...) cuidado de analisar os filtros existentes entre os fatos narrados nos relatos e o seu narrador. Desta maneira, certos preconceitos - de que estavam impregnadas as narrativas -, acabavam sendo transpostos para a obra historiográfica. A título de exemplo, um trecho de Spix e Martius é citado para tratar dos “dengues e requebros lascivos” das mulatas da Bahia, ao que Capistrano acrescenta o comentário de que os mulatos eram “gente indócil e rixenta”. Também transparece outro aspecto pejorativo, que é o hábito dos viajantes de descreverem o país pelas “ausências”, pela falta de civilização e progresso – que, diga-se de passagem, os próprios europeus julgavam possuir<sup>18</sup>.

Com isso a problematização dessas fonte<sup>19</sup> é um importante processo para desnaturalizar certas noções que marcaram o desenvolvimento local no decorrer do tempo e que de certa maneira são perpetuadas até os dias de hoje como parte do conjunto de estereótipos que

---

15 JUNQUEIRA, M. A. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo / Humanitas, 2011, p. 47.

16 BONATO, op.cit., 71.

17 FRANCO, op.cit., p.63.

18 Ibidem, p.67

19 Além dos relatos de Langsdorff, diversos outros viajantes escreveram sobre Florianópolis nos séculos XVIII e XIX, como por exemplo Amédée François Frézier, George Shelcocke, George Anson, Urey Lisiansky, Adalbert von Chamisso, Louis Choris e diversos outros. Todos os relatos desses indivíduos podem ser encontrados em HARO (1996).

constroem a “Ilha da Magia”. Assim, os relatos romantizados, e muitas vezes exagerados, a respeito das belezas naturais ou da cordialidade dos moradores da Ilha de Santa Catarina são apresentados pela indústria turística, com o intuito de conferir certa autoridade para essa narrativa<sup>20</sup>.

### **Langsdorff em Nossa Senhora do Desterro: o olhar de um naturalista estrangeiro sobre a Ilha de Santa Catarina no século XIX**

Antes de abordar especificamente o caso de Langsdorff, cabe uma definição do que se entende pelo “olhar” de um viajante. Este olhar se distingue do mero ato de ver determinada circunstância e implica a produção do relato acerca da viagem. Sobre essa distinção Cardoso (1994) escreve:

Assim, de seu lado, o ver conota ingenuidade no vidente, evoca espontaneidade, desprevenção, sugerindo contração ou rarefação da subjetividade (...) De outro lado, no olhar — que deixa sempre aflorar certa intenção, trai sempre um certo urdimento, algum cálculo ou malícia — as marcas do artifício sublinham a atuação e poderes do sujeito<sup>21</sup>.

Ressalto também que os relatos desse período se inserem em uma estrutura “eurocêntrica” de percepção da realidade, conforme Todorov (2006) escreve sobre o apelo dos relatos de viagem entre o público Europeu: “Da primeira à última linha, esses textos exalam o sentimento de nossa superioridade”<sup>22</sup>.

No caso que será analisado, nem todos os elementos que constituem o olhar do viajante estrangeiro são conscientemente acionados na percepção da realidade, juízos de valor e maneiras de descrever o local visitado. Porém devemos destacar condições exteriores ao sujeito que caracterizam sua concepção de mundo e se evidenciam em seus relatos. Assim, para questionar quais são essas condições, parto de uma pergunta mais simples: Quem foi Langsdorff? Um naturalista alemão (ou seja estrangeiro em relação a Portugal<sup>23</sup>) que esteve na

20 Sobre a importância das narrativas do passado na construção da ideia da “Ilha da Magia” ver: FLORES, Maria Bernadete Ramos. **A farra do boi**: palavras, sentidos, ficções. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1997.

21 CARDOSO, Sérgio. “O olhar dos viajantes”. In: NOVAES, Adauto. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.348.

22 TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 46, n.1, p. 231-244, jan/junho de 2006. p. 242.

23 Aqui entende-se estrangeiro em relação ao império português como um todo e não em relação ao Brasil. Essa escolha deu-se por existir uma diferença clara entre os relatos da grande maioria dos luso-brasileiros e dos demais viajantes europeus conforme: BONATO, op.cit., p.15.

Ilha de Santa Catarina entre 1803 e 1804 (pode-se dizer um sujeito do século XIX). Logo, existem três caracterizações, intimamente relacionadas, que precisam ser aprofundadas, pois são significativas para entender o relato desse viajante a respeito da região e dos habitantes de nossa Senhora do Desterro: o naturalista, o estrangeiro e, talvez o mais importante, o sujeito do século XIX imbuído de uma mentalidade<sup>24</sup> comumente denominada romântica<sup>25</sup>. Adiante que essa mentalidade é marcada pela descrição do que se viu salientando o caráter exótico das terras e populações em questão, em relação ao viajante.

Como naturalista, Langsdorff realizou descrições de diversos animais e plantas encontradas na região referindo-se à natureza como viçosa, extremamente fértil e produzindo “um esplendor de forma, da riqueza e plenitude que se possa sonhar”<sup>26</sup>. Esse tom acompanha as descrições específicas da fauna:

Por um lado, papagaios de diversas cores e tamanhos que sobrevoavam rapidamente aos gritos; à esquerda um tucano de bico grande e cor vermelha com peito amarelo (...) mais adiante uma borboleta colorida maior que um pássaro (...) À visão de tais imagens, que me pareciam um sonho, é que alcançamos a encosta de uma escarpada colina de terra vermelha, úmida e barrenta e quando fui surpreendido pelo panorama de um vale aberto<sup>27</sup>.

Os relatos do viajante estrangeiro possuíam uma finalidade diferenciada da grande maioria daqueles produzidos por luso-brasileiros. As expedições de portugueses contaram, em grande maioria, com o auxílio da Coroa e tinham como objetivo:

(...) conhecer detalhadamente o mundo natural e repassar os resultados de exploração diretamente à Coroa portuguesa, ou seja, o uso dos relatos era de caráter administrativo e imediato. Esse fator possivelmente é um dos responsáveis pelas diferenças observadas aqui entre os relatos das viagens filosóficas portuguesas e as viagens realizadas por estrangeiros no século XIX<sup>28</sup>.

Já estrangeiros como Langsdorff tinham como finalidade de seus relatos a divulgação para o público leitor europeu interessado pelo Novo. Desse modo, os relatos estrangeiros inserem-se também em uma característica comumente ligada ao século XIX, uma nova

---

24 Entende-se mentalidade como um indicativo de disposições e comportamentos inseridos em um grupo institucionalizado ou determinada linha de pensamento, nesse caso tal linha é o que chamo de romântico. Ver: ABBAGNANO, op.cit, p.659-660.

25 BONATO, op.cit., p. 5-6.

26 LANGSDORFF, op.cit., p.172.

27 Idem

28 BONATO, op.cit., p. 52.

sensibilidade que emerge junto do que se convencionou definir como um “espírito romântico”. Conforme Tiago Bonato:

Algumas finalidades diferenciadas, entretanto, fazem com que os resultados também se mostrem diferentes. As descrições dos cientistas luso-brasileiros eram de uso interno, uma maneira da Coroa conhecer e administrar os territórios ultramarinos, além de melhor explorá-los. Dessa forma, esses relatos seguem um padrão mais rígido e objetivo do que os relatos destinados à publicação. Grande parte dos relatos de viagem dos estrangeiros que visitaram a América portuguesa no século XIX tinha uma dupla finalidade: além do uso interno das narrativas – um relatório da natureza e da sociedade luso-brasileira entregue aos organizadores da viagem –, os relatos tinham, ainda, como finalidade, levar ao público europeu a realidade do novo mundo<sup>29</sup>.

Existe, assim, não uma mudança completa, mas um acréscimo ao público que consumia a literatura de viagem possuindo interesses diferentes: a mera curiosidade e fascínio pelo Novo Mundo. O próprio Langsdorff não deixa de expressar esse novo interesse quando em princípios de seu relato escreve:

Excitado por tão belas imagens de minha fantasia, mal podia aguardar o retorno do sol para visitar a região paradisíaca. Confesso que minhas ideias eram exageradas e tensas, mas apesar disto, quanto mais eu me aproximava da terra, a realidade excedia minha expectativa<sup>30</sup>.

Porém, é importante salientar que essa nova sensibilidade romântica não era oposta ao rigor científico. Assim como o caso de naturalistas como Karl von Martius<sup>31</sup>, em nenhum momento Langsdorff abandona o rigor científico característico das viagens de naturalistas já realizadas no século XVIII<sup>32</sup>. O que ocorre é uma mudança na forma que se desenvolvem as narrativas, sendo que o objetivo final permanecia sendo a descrição do mundo natural<sup>33</sup>.

Por fim, cabe destacar como a natureza editorial desses relatos acaba fornecendo ao historiador uma fonte importante para o estudo de determinadas questões, visto que apresenta descrições detalhadas de certos elementos constantemente marginalizados pela documentação produzida por autoridades locais. Embora muitas vezes carregadas de preconceitos, os relatos de Langsdorff, por sua finalidade, deixaram registrados hábitos da população local, o que é

29 Ibidem, p. 58.

30 LANGSDORFF, op.cit., p. 162.

31 Especificamente sobre Martius ver: LISBOA, Karen Macknow. O Brasil dos naturalistas Spix e Martius. **Acervo**, v. 22, n. 1 jan-Jun, p. 179-194, 2011.

32 BONATO, op.cit., p. 63-65.

33 Ibidem, p. 61.

tratado, por exemplo, por Jaime José dos Santos Silva, que em “Entre a diversão e a proibição: as festas de escravos e libertos na Ilha de Santa Catarina” descreve festas de escravos e libertos na Ilha de Santa Catarina<sup>34</sup> e Antônio Emilio Morga no artigo “População Cativa na Capital da Província de Santa Catarina” apresenta as formas de repressão aos espaços de sociabilidade da população escrava durante o período de modernização<sup>35</sup>, sendo que nesse trabalho os relatos de Langsdorff são utilizados para descrever o advento da modernidade em Desterro através do vestuário descrito pelo naturalista como sendo “europeu” tanto para homens quanto para mulheres<sup>36</sup>.

### Considerações finais

O que se percebe, a partir da literatura de viagem, é que a mesma pode e deve ser problematizada de diversas maneiras, referentes a natureza da fonte em questão, pelo historiador. Nesse trabalho demonstrou-se como essa fonte pode ser analisada de forma a compreender o universo em que o viajante está inserido, pois ao mesmo tempo em que apresenta descrições detalhadas da realidade, essas descrições partem do olhar de um determinado sujeito, de uma cultura, sociedade e lugar específicos

No caso de Langsdorff o estudo do mesmo indicou como o viajante tem seu olhar marcado pelas condições de sua época: a ampliação de um mercado editorial interessado pelo Novo Mundo. Tal fator exigiu narrativas que produzissem imagens, as quais podem parecer exageradas da realidade, ao mesmo tempo que a mesma deve ser descrita sem perder o rigor científico estabelecido no século XVIII. Portanto têm-se nesse tipo de fonte uma maneira de trabalhar tanto a história de Santa Catarina quanto os processos e transformações pelos quais passava a Europa entre os séculos XVIII e XIX, os quais moldam o olhar do viajante. Mais do que um entrave, a subjetividade desses viajantes oferece uma possibilidade de estudo de relações mais amplas que estão intimamente relacionadas com a constituição desses sujeitos, conforme procurou-se demonstrar pela experiência de Georg Heinrich von Langsdorff em Nossa Senhora do Desterro.

---

34 SILVA, Jaime José dos Santos. “Entre a diversão e a proibição: as festas de escravos e libertos na Ilha de Santa Catarina. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. **História diversa**: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Editora UFSC, 2013. p. 109-130.

35 MORGA, Antonio Emilio. População Cativa na Capital da Província de Santa Catarina. **Fronteiras**: Revista de História, v. 14, n. 25, p. 149-160, 2013.

36 LANGSDORFF, op.cit., p. 165.

## Referência

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fonte, 2007.

BONATO, Tiago. **O olhar, a descrição: a construção do sertão do nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1783-1822)**. Diss. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

CARDOSO, Sérgio. O olhar dos viajantes. In: NOVAES, Adauto. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.347-360.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, v. 2, p. 62-86, 2011.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo / Humanitas, 2011, p. 45-61.

LISBOA, Karen Macknow. O Brasil dos naturalistas Spix e Martius. **Acervo**, v. 22, n. 1 jan-Jun, p. 179-194, 2011.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica. (1750-1850) In: FRAGOSO, João et. Al. **Nas rotas do Império**. Vitória: EDUFES, 2006. P.609-643.

MORGA, Antonio Emilio. População Cativa na Capital da Província de Santa Catarina. **Froteiras: Revista de História**, v. 14, n. 25, p. 149-160, 2013.

PEDRO, Joana Maria. Imagens femininas na formação da elite de Desterro. In **Mulheres faladas, mulheres honestas: uma questão de classe**. Florianópolis: UFSC, 1994, p. 17-50.

SARNAGLIA, Marcela. O Brasil sob o olhar estrangeiro: um estudo da obra dois anos no brasil de Auguste François Biard. In: RANGEL, Marcelo de Mello; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAUJO, Valdei Lopes de (orgs). **Caderno de resumos & Anais do 6º**. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – O giro-linguístico e a historiografia: balanço e perspectivas. Ouro Preto: EdUFOP, 2012.

SILVA, Jaime José dos Santos. “Entre a diversão e a proibição: as festas de escravos e libertos na Ilha de Santa Catarina. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. **História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora UFSC, 2013. p. 109-130.

TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 46, n.1, p. 231-244, jan/junho de 2006.

## Fontes



LANGSDORFF, G. H. Von. Bemerkungen auf einer reise um die Weli in den Jahren 1803 bis 1807. Frankfurt am Main. 1822, in verlag bei Friedrich Wilmans. Trad. de Dolores R. Simões de Almeida. In: HARO, Martim Afonso Palma de. **Ilha de Santa Catarina**: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996. p.157-184.

---

Recebido em 12 de dezembro de 2017.

Aceito para publicação em 22 de julho de 2020.

